

**ESCRITA DE SI COMO PRÁTICA EDUCATIVA: CUIDADO DE SI,
HYPOMNEMATA E RESISTÊNCIA BIOPOLÍTICA NOS DIÁRIOS DE LIMA
BARRETO E CAROLINA MARIA DE JESUS**

Damaris Caroline Quevedo de Melo¹

¹ Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus de Assis. Doutoranda em História. E-mail:
damaris.cq.melo@unesp.br

Linha de Pesquisa/Eixo Temático: Filosofia e História da Educação

Palavras-chave: escrita de si; cuidado de si; biopolítica; hypomnemata; história da educação.

INTRODUÇÃO

Os diários de Lima Barreto e Carolina Maria de Jesus, produzidos sob internamento psiquiátrico e extrema precariedade material, constituem objeto privilegiado para a filosofia e a história da educação, pois a escrita diarística funciona como técnica de constituição de si irreduzível à instrução formal. Retomando a noção foucaultiana de *hypomnemata*, entendida não como auxiliar de memória, mas como operador *etopoiético* capaz de transformar discursos recebidos em princípios de conduta (FOUCAULT, 1992), propõe-se pensar o cuidado de si como categoria educativa (CARVALHO, 2010; FREITAS, 2010) exercida à margem, e por vezes contra, os dispositivos escolares. O objetivo é examinar como a escrita, enquanto *askesis* cotidiana, produz um sujeito ético em contextos de sujeição biopolítica, dialogando com a história das emoções e com a analítica foucaultiana do biopoder aplicada a instituições disciplinares (hospício e favela).

METODOLOGIA

Adota-se abordagem qualitativa, de caráter filosófico-historiográfico e genealógico, inspirada em Foucault. O corpus é constituído pelos diários publicados de Lima Barreto (Diário do Hospício) e de Carolina Maria de Jesus (Quarto de Despejo), lidos junto ao ensaio

foucaultiano A escrita de si (FOUCAULT, 1992; 1997) e à literatura que aproxima a escrita de si do campo educacional (FREITAS, 2010; CARVALHO, 2010; BERNAL MARCOS et al., 2024). O procedimento combina a análise de *hypomnemata*, *askesis* e cuidado de si com a distinção entre anátomo-política e biopolítica (CARDOSO JR., 2006; CASTRO, 2009; DANNER, 2010), aplicada à leitura do hospício e da favela como espaços em que se experimentam tecnologias de poder correlatas às da instituição escolar.

ANÁLISE PARCIAL OU FINAL DOS RESULTADOS OBTIDOS

Para Foucault, os *hypomnemata* eram cadernos de uso corrente convertidos, pela apropriação filosófica, em guia de conduta: neles se registravam citações, exemplos e reflexões ouvidas ou lidas, oferecidas à releitura e à meditação (FOUCAULT, 1992, p. 134-135). Essa escrita não visava revelar uma verdade interior, mas constituir, pela digestão do lido e vivido, o próprio corpo daquele que escreve (FOUCAULT, 1992, p. 143-144). É esse princípio que autores contemporâneos retomam para pensar a escrita como técnica de si em momentos de crise, fornecendo diretrizes de conduta e procedimentos de autogoverno (BERNAL MARCOS et al., 2024 apud FOUCAULT, 1997, p. 209).

Deslocada para o campo educacional, essa reflexão permite reformular o cuidado de si como potência instituinte imanente à vida e potência ético-política diante dos biopoderes que recobrem o bios social, postulando uma educação vivida como prática de liberdade, não como mera transmissão de conteúdos (CARVALHO, 2010). Nos trabalhos tardios de Foucault, a formação do sujeito ético não implica retorno a um sujeito transcendental nem refúgio introspectivo, mas um modo singular de pensar a subjetividade a partir de práticas irreduzíveis aos mecanismos disciplinares e às regulações normalizadoras da biopolítica (FREITAS, 2010, p. 169-170).

Essa chave permite reler os diários de Lima Barreto e Carolina Maria de Jesus: não como registros espontâneos de uma interioridade, mas como *hypomnemata* que operam independentemente da escolarização formal. É a própria prática ascética da escrita cotidiana, e não a instrução recebida, que produz a distância ética entre o sujeito e a experiência vivida, convertendo o choque fragmentado (*Erlebnis*) em experiência histórica compartilhável (*Erfahrung*). Reconhecer essa função na escrita de sujeitos excluídos do sistema educacional

evita reproduzir, no gesto de análise, a lógica do epistemicídio que os exclui do estatuto de sujeitos de conhecimento.

A leitura biopolítica reforça essa hipótese. Foucault distingue duas etapas da racionalidade política: a primeira organizada a partir de uma ordem cósmica voltada ao bem-estar e à justiça; a segunda, surgida no Renascimento, em que a relação entre poder, governante e Estado passa a ser objeto de reflexão orientada ao aumento do poder governante (CARDOSO JR., 2006, p. 30). Dessa racionalidade deriva o biopoder, articulado em dois polos: a anátomo-política, centrada no corpo individual, e a biopolítica, tecnologia totalizante voltada à gestão da população (CASTRO, 2009). As disciplinas atuam sobre corpos individuais em escolas e hospitais, enquanto a biopolítica administra a vida em larga escala, por meio de estatísticas de saúde, natalidade e mortalidade (DANNER, 2010, p. 154-155).

No Diário do Hospício, Lima Barreto descreve a rotina de internação classificando doentes enviados pela polícia entre os tidos e havidos por miseráveis e indigentes antes da internação definitiva (BARRETO, 2017, p. 121). Em Carolina Maria de Jesus, a biopolítica populacional aparece quando o departamento estadual de saúde divulga em jornal os casos de uma doença registrada na favela, mas não fornece remédio aos moradores (JESUS, 2014). Em ambos os casos, a escrita diarística não nega o aparato biopolítico, mas se afirma como excesso que ele não reduz inteiramente a seus cálculos, funcionando como contraconhecimento que inverte a mirada clínica e institucional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura dos diários de Lima Barreto e Carolina Maria de Jesus a partir do par *hypomnemata*/cuidado de si permite deslocar, para a filosofia e a história da educação, a pergunta sobre onde e como se educa um sujeito ético. Contra a suposição de que a formação exige instituição escolar e mediação de mestres, esses diários testemunham que a própria prática ascética da escrita, sustentada em condições de assujeitamento racial e material, pode cumprir função *etopoiética* equivalente à dos *hypomnemata* antigos. Isso implica reconhecer, na história da educação, formas de autoformação à margem ou contra os dispositivos biopolíticos das instituições disciplinares, ampliando o conceito de educação para além da escolarização formal.

REFERÊNCIAS

- BARRETO, Lima. *Diário do Hospício; O cemitério dos vivos*. Prefácio de Alfredo Bosi; organização e notas de Augusto Massi, Murilo Marcondes de Moura. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- BERNAL MARCOS, M. J.; ZITTOUN, T.; GILLESPIE, A. Diaries as technologies for sense-making and self-transformation in times of vulnerability. *Integrative Psychological and Behavioral Science*, v. 58, n. 2, p. 563-588, 2024.
- CARDOSO JR, H. R. Foucault em voo rasante. In: CARVALHO, Alonzo Bezerra de; LIMA DA SILVA, Wilton Carlos (Org.). *Sociologia e Educação: leituras e interpretações*. São Paulo: Avercamp, 2006. v. 1, p. 135-160.
- CARVALHO, A. F. *Foucault e a função-educador: sujeição e experiências de subjetividades ativas na formação humana*. Ijuí: Unijuí, 2010.
- CASTRO, Edgardo. *Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- DANNER, F. O sentido da biopolítica em Michel Foucault. *Revista Estudos Filosóficos*, São João Del-Rei, n. 4, p. 143-157, 2010.
- FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: *O que é um autor?* Lisboa: Passagens, 1992, p. 129-160.
- FOUCAULT, Michel. In: RABINOW, P. (Ed.). *Ethics, Subjectivity, and Truth: The Essential Works of Michel Foucault (1954-1984)*. New York: The New Press, 1997.
- FREITAS, Alexandre Simão de. Michel Foucault e o "cuidado de si": a invenção de formas de vida resistentes na educação. *Educação Temática Digital*, Campinas, v. 12, n. 1, p. 167-190, jul./dez. 2010.
- JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 2014.